

A Educação de Jovens e Adultos na FACED/PUCRS: reconfigurando saberes

Young and Adult Education at FACED/PUCRS: reconfiguring know

SALETE CAMPOS DE MORAES*
MARIA CONCEIÇÃO PILLON CHRISTOFOLI*
MARIA INÊS CÔRTE VITÓRIA*
JUSSARA MARGARETH DE PAULA LOCH*
SUSANA MARIA REGGIANI HUERGA*



RESUMO – O presente artigo historiciza a criação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA – da FACED/PUCRS. Procuramos mostrar como, a partir de um trabalho de extensão universitária voltada para a formação de professores alfabetizadores foi, paulatinamente, se configurando um Núcleo de Formação e de Pesquisa em EJA, com profunda e intensa atuação, tanto na comunidade acadêmica quanto em diversos municípios do Norte e Nordeste do país. Falamos, especialmente, dos efeitos e envolvimento – quer seja no plano das políticas educacionais, quer seja das pesquisas acadêmicas ou no plano da formação de professores – que esse núcleo tem sentido/experimentado ao longo de dez anos.

Descritores – Educação de Jovens e Adultos; formação de alfabetizadores; reconfiguração de saberes.

ABSTRACT – This article presents the history of the creation of the Nucleus of Young and Adult Education – NEJA – at FACED/PUCRS and we show as its constitution, from a work of university extension directed toward the formation of literacy professors was, gradually, configuring a Nucleus of formation and research in EJA, with deep and intense performance, as much in the academic community how much in diverse cities of the North and Northeast of the our country. We speak, especially, of the effect and involvement – in the plan of the educational politics, the academic research or in the plan of the formation of professors – that it has this nucleus has felt/tried throughout ten years.

Key words – Young and Adulte Education; formation of literacy professors; reconfiguration to know.



* Professoras da FACED/PUCRS, membros do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA. E-mail: neja@pucls.br

A reflexão sobre a educação brasileira nos remete à análise de um segmento em que a exclusão predomina: a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Um olhar sobre a história da EJA nos aponta a ausência quase total de políticas educacionais voltadas para esse segmento. Esparsas indicações legais fazem referência à educação de adultos. É apenas no século XX que começam a tomar vulto programas, movimentos e textos legais neste sentido e, tais movimentos e programas são, a partir daí, marcados pela descontinuidade e ausência do respaldo de uma efetiva política educacional.

Os índices de analfabetismo elevados, no início do século XX, demonstram a não-democratização do ensino e, embora os discursos enfatizassem o acesso de todos à escola, a educação ainda era extremamente elitista e os índices mundiais de analfabetismo colocavam o Brasil com uma das taxas mais elevadas do mundo. A partir de inúmeras lutas por uma escola pública de qualidade, nasceram os programas nacionais de alfabetização. Entretanto, lamentavelmente, chegamos ao início do século XXI ainda com um índice de 13% de cidadãos (com 15 anos ou mais) não-alfabetizados.

Agregue-se a isso o fato de que os movimentos desencadeados no país, para tratar da alfabetização de jovens e adultos, demonstram, ainda, a ausência de uma política educacional que trate da Educação de Jovens e Adultos como uma questão mais ampla, e não apenas restrita à alfabetização. Além disso, por serem programas, e não fazerem parte de uma política pública de educação de governo federal, freqüentemente são interrompidos, sem uma avaliação mais consistente, a cada mudança governamental.

A história de Educação de Jovens e Adultos, na maioria das universidades de nosso país, parece ocupar o mesmo espaço exíguo que tem ocupado na política educacional brasileira, ou seja, raramente as questões envolvendo a EJA fazem parte da estrutura curricular dos cursos de graduação e, mais raramente ainda, se tornam núcleos de pesquisa e de formação continuada de educadores, espaços que permitem a reflexão e discussão aprofundada acerca dessa temática.

Neste contexto merece destaque a constituição do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEJA – da FAGED/PUCRS no ano de 1997 quando, durante as atividades da disciplina de Alfabetização, do curso de Pedagogia Séries Iniciais, discutia-se o Movimento de Alfabetização de Adultos (MOVA) que vinha a ser um programa da Secretaria Municipal de Educação para alfabetizar jovens e adultos na cidade de Porto Alegre. Naquela ocasião, duas alunas demonstraram interesse em participar de tal processo, originando-se, a partir de então, a construção de uma nova perspectiva de trabalho envolvendo, além da ação alfabetizadora, atividades de estudo/reflexão e pesquisa, que veio a se tornar muito mais ampla e rica do que a pretensão inicial do grupo.

Educação

Esse grupo realizou, inicialmente, um levantamento do número de sujeitos não-alfabetizados junto aos funcionários da PUCRS. Após diversas reuniões de chamamento para a organização da primeira turma de alfabetização, iniciam-se as aulas na FACED, em dezembro de 1997. Concomitantemente a esse processo, outro evento importante marcou a história da Educação de Jovens e Adultos na Faculdade de Educação. Em setembro de 1996, o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) assinava, com o Governo Federal, através do programa Comunidade Solidária, um convênio que envolveria parcerias entre grandes grupos empresariais, prefeituras de municípios do nordeste brasileiro, as próprias Instituições de Ensino Superior e o Ministério da Educação – MEC – com o objetivo de capacitar alfabetizadores e de acompanhar a atuação docente, em sala de aula, nos respectivos municípios.

O objetivo do convênio firmado era o de alfabetizar jovens e adultos de cidades do norte e nordeste, consideradas emergenciais, por apresentarem um índice superior a 50% de analfabetos. Inicia-se aí a parceria da PUCRS/FACED com o Programa Alfabetização Solidária, não sem certa resistência inicial, pois estava surgindo mais um “programa de alfabetização”. Acreditando-se que a questão da Educação de Jovens e Adultos deveria ser encaminhada através de uma política que atendesse a esta demanda educacional, alguns representantes do grupo de professores da FACED visitaram o município de Araci, no sertão baiano, para selecionar os primeiros alfabetizadores. Em julho de 1997, o primeiro grupo de 13 alfabetizadores chegava a Porto Alegre para realizar o 1º Curso de Formação de Alfabetizadores de Jovens e Adultos promovido pela FACED/PUCRS.

A história do NEJA (Núcleo de Educação de Jovens e Adultos), junto ao Programa de Alfabetização Solidária (que integrava a Comunidade Solidária), inicia com o trabalho realizado no município de Araci. Os professores do município realizavam um curso com a duração de 120 h (distribuídas em duas etapas, uma em julho e outra em janeiro), em Porto Alegre, na PUCRS, e os professores e monitores do Núcleo realizavam visitas mensais de supervisão *in loco*, quando assistiam ao trabalho de todos os alfabetizadores. A maioria das salas de aula observadas situa-se na zona rural do município, o que exige muita disponibilidade de tempo, pois algumas delas estão situadas a mais de 70 km da sede municipal, com acesso dificultado por estradas em estado precário. Ao final do período estipulado e durante a última visita ao município, selecionava-se um novo grupo de alfabetizadores, que iria atuar na etapa seguinte, com um grupo também novo de alfabetizandos.

Em julho de 1998, mais duas cidades do nordeste baiano passam a integrar o Curso de Formação de Alfabetizadores: Crisópolis e Rio Real, sendo que,

nesta última, havia 20 turmas de alfabetização a serem atendidas. Buscando-se atender comunidades em que o programa ainda não tivesse ocorrido, no ano de 2000 a atuação do NEJA se expande para mais duas cidades, desta vez, no interior da Paraíba: Cacimba de Areia e Areia de Baraúnas. Até o ano de 2003 foram ministrados cursos de formação com 120 horas, promovidos em 11 edições, totalizando, assim, mais de 1200 horas de trabalho no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, atingindo cerca de 540 professores alfabetizadores. O NEJA permanecia atuando junto aos municípios até que os objetivos estabelecidos pelo Programa fossem alcançados, ou seja, até que as prefeituras municipais tivessem institucionalizado a Educação de Jovens e Adultos.

Em 2001, o NEJA é convidado pela coordenação do Programa de Alfabetização Solidária (ALFASOL), a atuar também na África. Iniciamos assim uma rica experiência de trocas e aprendizagens com São Tomé e Príncipe, e ali também realizamos um trabalho de formação de professores alfabetizadores, que se manteve até o ano de 2003.

Cabe destacar que o Programa Alfabetização Solidária passou a ser desenvolvido pela Organização Não-Governamental ALFASOL, a partir de 2003 e, em função dessa modificação, os cursos não são mais oferecidos na PUCRS, sendo realizados nos próprios municípios. Dessa forma, se atende aos futuros alfabetizadores ao mesmo tempo em que se oportuniza um trabalho de formação continuada para os professores que atuam na Rede Municipal de Ensino local.

Entre os anos de 2003 e 2006 atuamos, em diferentes momentos, em cinco municípios do Rio Grande do Norte: Riachuelo, Fernando Pedroza, Olho D'Água dos Borges, Janduís e São Rafael. Atualmente, o NEJA atua em dois municípios no estado de Tocantins (nos municípios de Paranã e São Salvador do Tocantins), no estado do Rio Grande do Norte (no município de Olho D'Água dos Borges) e no estado da Paraíba (no município de Brejo dos Santos). Nesses municípios oferecemos um curso de formação inicial e acompanhamos o trabalho de 56 alfabetizadores, totalizando, aproximadamente, 800 alfabetizando.

Até o presente momento (setembro de 2007) foram oferecidos cursos de formação para Educadores de Jovens e Adultos para cerca de 900 professores do Norte e Nordeste brasileiro, contribuindo, dessa maneira, para a alfabetização de cerca de 17.500 jovens e adultos. Considerando o número de sujeitos não-alfabetizados no país, 16 milhões (IBGE, 2001), a ação do NEJA-PUCRS, embora possa ser considerada tímida, vem contribuindo efetivamente para a superação de problemas socioeducacionais, especialmente se considerarmos a ênfase dada pelo Núcleo à implantação de políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos em todos os municípios em que atua/atuou.

Educação

As ações do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, que no princípio estavam ligadas ao MOVA e ao ALFASOL, vão se ampliando, e amplia-se também o envolvimento com um número maior de professores e alunos da FACED. O NEJA mantém, atualmente, parcerias que nos possibilitam manter uma turma de alfabetização no Campus Central da PUCRS (contando com uma Bolsa de Extensão-Banco Santander) e outra no Morro da Cruz (Bolsa KINDER NOT HILFE), contemplando tanto funcionários da Instituição, quanto pessoas da comunidade. Temos, ainda, uma parceria com o Instituto Leonardo Murialdo – ILEM – subsidiada pela KINDER NOT HILFE, organização alemã que mantém o Projeto Morro da Cruz para a Vida, no qual o NEJA também participa como colaborador na formação dos educadores populares da comunidade do Morro da Cruz. O Núcleo está envolvido, ainda, na criação, seleção e fomento do acervo da Biblioteca Popular do Morro da Cruz.

A ampliação e amplificação do trabalho foram de tal ordem que hoje o grupo se vê envolvido em oferecer cursos de extensão, inúmeras oficinas e minicursos ligados a temáticas específicas da área, além de prestar assessoria pedagógica a municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

Para além do trabalho de formação de educadores, temos intensificado o trabalho de pesquisa do NEJA, o que se evidencia nas pesquisas atualmente em desenvolvimento: Níveis de leitura em EJA; A escrita dos alfabetizadores de EJA; A Biblioteca Popular e a Leitura no Morro da Cruz; Políticas de Educação de Jovens e Adultos: a tensão entre emancipação e regulação na implantação do SEJA em Porto Alegre; Da EJA à Universidade: um caminho percorrido ou mais um passo na história da democratização da Educação?

No que tange à constituição e implementação de políticas em EJA, é significativo destacar que o NEJA participa do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul desde sua recriação, em 1999. O Fórum tem como finalidade contribuir e interferir na produção de políticas públicas, a partir da articulação com outros segmentos da sociedade envolvidos com esta modalidade da Educação Básica. Desde então, o Fórum Estadual desdobrou-se em fóruns regionais – Porto Alegre e Grande Porto Alegre, Região do Litoral Sul, Campanha, Central, Noroeste, Serra – com os quais o NEJA contribuiu tanto na criação como no seu desenvolvimento.

A PUCRS, através do NEJA/FACED, vem sendo a universidade representante deste segmento no Fórum Estadual. Nesta condição, participou de todas as Plenárias realizadas em nosso estado, seja coordenando, organizando ou sediando as realizações das mesmas. Nesse sentido, cumpre destacar que as referidas Plenárias reúnem os educadores, educandos, estudantes universitários, pedagogos, Secretarias Municipais e Estaduais, Universidades, Organizações Não Governamentais, Movimentos Sociais e

Populares e Sistema S, tanto da capital, quanto das demais cidades do Rio Grande do Sul.

Nesta última gestão (2006-2007) uma das professoras da equipe do NEJA, coordena o colegiado que dirige as ações do Fórum Estadual de EJA. Fórum este que realizou sete Plenárias Estaduais, participou de reuniões com o MEC/Secretaria da Alfabetização e Diversidade/DEJA, atuando na crítica, potencialização e definição das políticas para o setor, tais como o Programa Brasil Alfabetizado. Além disso, o NEJA tem sido membro ativo no planejamento, organização e participação dos Encontros Nacionais de Educação de Jovens e Adultos (ENEJAs), além de sua participação nos debates e nas discussões sobre a formação de educadores de jovens e adultos realizadas pelas Universidades brasileiras em Seminário Nacional, sendo o I sediado pela UFMG – Belo Horizonte e o II em Goiânia, pela UFG.

Em julho de 2006, o Encontro Estadual discutiu e propôs questões para o tema “*EJA – Políticas Públicas de Estado: Avaliação e Perspectivas*”, elaborando documento e encaminhando-o no VIIIº ENEJA, que ocorreu em Recife, de 30/08/2006 a 02/09/2006. Em 2007, foram organizados e realizados dois Encontros Estaduais: um, que analisou a questão da EJA e a Diversidade, e outro, que elaborou o documento discutido na Audiência Pública promovida pelo CNE/MEC/SECAD. A referida Audiência foi realizada em Florianópolis, em 3/8/07, e teve como objetivo discutir e sugerir modificações no Parecer nº 11 do CNE. Atualmente o Núcleo está envolvido na organização da participação dos 22 delegados eleitos para representarem o Rio Grande do Sul no IXº ENEJA, que acontecerá de 18 a 22 de setembro de 2007 em Curitiba.

Outra questão que merece destaque na historicização que aqui se faz é a constituição do grupo de trabalho do NEJA. Desde o início, a equipe foi formada por professoras e alunos do curso de Pedagogia, constituindo-se como grupo de estudos, planejamento, execução e reflexão. Esse formato configurou-se como um de seus fundamentos – todos têm o que ensinar e o que aprender – já que a troca de saberes é fundamental no fazer pedagógico. Destaca-se esse elemento inicial, pois se entende que esse viés que rompe com a hierarquização dos saberes é uma marca desse grupo de trabalho.

Outro aspecto que caracteriza o NEJA em nossa Universidade é a proposta curricular dos cursos de formação de professores alfabetizadores que vêm sendo ministrados. O NEJA, da FAGED/PUCRS, entende que currículo não é sinônimo de grade curricular. Em nosso entendimento, currículo é todo movimento/envolvimento, que aprendentes-ensinantes, e ensinantes-aprendentes fazem quando buscam construir um conhecimento. É evidente que o ato de ensinar requer um corpo teórico que o sustente e requer que trabalhem com a produção de conhecimento que a humanidade construiu ao longo do

tempo. Porém, o currículo exige, também, contextualização, análise crítica, reorganização do tempo e do espaço destinados às diferentes áreas do conhecimento e atividades desenvolvidas, contemplando a produção cultural da humanidade como um todo, e não apenas determinados segmentos do saber.

Assim sendo, com o desafio de organizar um currículo e uma sistemática de trabalho não só para os futuros educadores, mas junto a eles, de forma a dar concretude a esse ambicioso projeto, procuramos construir um currículo que contemplasse, além da tão necessária psicogênese da língua escrita, a história, a música, as artes plásticas, a literatura, o planejamento educacional, a história da educação popular em nosso país, o pensamento lógico matemático, a avaliação da aprendizagem, a pesquisa de realidade e a valorização da cultura local.

O tempo destinado às diferentes áreas do conhecimento mantém certa equidade, e, da mesma forma, as atividades se desenvolvem em vários espaços além da sala de aula, abrangendo as ruas da cidade, caminhadas pelo Campus, museus e laboratórios da Universidade.

Procuramos esse desenho de currículo, pois acreditamos que formar alfabetizadores é formar alguém que vai promover aprendizagens que vão muito além da leitura da palavra. Assim, também a aprendizagem dos alfabetizadores tem que ir muito além da palavra, e deve se dar em um ambiente dinâmico e rico de possibilidades.

Neste sentido, o NEJA concebe a alfabetização, a leitura e a escrita, como instrumentos que possibilitam a cidadania, pois, assim como Severino (1994), entendemos que cidadania é qualificação da existência dos homens. Só se pode considerar cidadão aquele que efetivamente usufrui dos bens materiais necessários a sua existência física, dos bens simbólicos necessários a sua existência subjetiva e dos bens políticos a sua existência social.

A alfabetização, da forma como a concebemos, vai muito além da instrumentalização, da apropriação do código escrito. Tal como nos ensina Paulo Freire (1987), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Trata-se, então, de uma mediação que permite uma leitura mais complexa do mundo, uma vez que, para esta, a leitura da palavra é indispensável.

Igualmente dinâmicas e ricas de possibilidades de aprendizagem são as visitas de supervisão que fazemos, professoras e alunas, aos municípios onde se desenvolve o trabalho de alfabetização. Muito mais do que visitas de supervisão, elas são encontros de assessoria e aprendizagem, pois, com base nas observações, discussões e reflexões, nos é permitido reorganizar nosso currículo.

Refletindo acerca do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo NEJA, no contexto universitário, entendemos, assim como Souza Santos (1996), que é preciso romper com o senso comum e que “[...] a primeira condição consiste

em promover o reconhecimento de outras formas de saber e o confronto comunicativo entre elas. A universidade deve ser um ponto privilegiado de encontro entre saberes” (p. 224).

De fato, poucos lugares têm esse privilégio. Que outros espaços podem possibilitar o encontro e o diálogo entre acadêmicos, mestres, doutores e cidadãos que têm suas histórias de vida marcadas pelo convívio cotidiano com adultos não alfabetizados? Diferentes formas de conhecimento de uma mesma problemática, diferentes olhares, diferentes vistas de uma mesma questão, mas com o entendimento de que, como argumenta Boff (1999), “todo ponto de vista é sempre a vista de um ponto”.

A possibilidade de mudar, de ampliar esta vista na troca de saberes seguramente enriquece a todos, evidenciando que:

A hegemonia da universidade deixa de residir no caráter único e exclusivo do saber que produz e transmite para passar a residir no caráter único e exclusivo da configuração de saberes que proporciona. (SANTOS, 1996 p. 224).

Quanto aos alunos dos cursos da Faculdade de Educação, acreditamos que o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos tenha aberto um espaço enriquecedor para a formação discente. Desde a criação do NEJA temos tido a colaboração de monitoras, que atuam juntamente com os professores durante o curso de capacitação, durante as visitas de supervisão, e, ainda, nas reuniões semanais para estudos e planejamento. Muitos monitores egressos do NEJA deram continuidade aos estudos acadêmicos, tendo cursado Mestrado e Doutorado na área, encontrando-se hoje atuando em Instituições de Ensino Superior. Outras tantas monitoras preparam-se para a seleção de Mestrado, pois estão concluindo a graduação.

Mais do que participar dos movimentos sociais na busca de soluções para o problema do analfabetismo, e para as questões da EJA de forma mais ampla, o Núcleo tem se empenhado em buscar possibilidades pedagógicas para os cursos de formação de professores, e, ainda, em investigar as possibilidades no cotidiano escolar de grupos de Educação de Jovens e Adultos – das cidades do Norte e Nordeste, de São Tomé e Príncipe, das turmas de alfabetizando da PUCRS e do Morro da Cruz – com o objetivo de construir um projeto de educação, de (re)apropriação do mundo e de reconfiguração de saberes.

Acreditamos estar caminhando na direção indicada por Sousa Santos (op. cit.), pois estamos proporcionando aos educadores – de diferentes tempos e de diferentes espaços geográficos – elementos para o trabalho de educação de adultos. Ao mesmo tempo, esses educadores, suas culturas, seus saberes têm nos proporcionado elementos para ampliar nossa leitura de mundo, ampliação essa necessária a todo educador.

Educação

Por fim, pedimos licença a Thiago de Mello para, parafraseando sua “Canção para os fonemas da alegria”, dizermos algo que vimos experimentando e aprendendo com o desenvolvimento das ações desencadeadas/promovidas pelo Núcleo de Educação de Jovens e Adultos:

Peço licença para algumas coisas
Primeiramente para declarar publicamente
Meu encanto com o trabalho de alfabetização de adultos.
Peço licença para soletrar
Neste cálido sol de um agosto porto-alegrense
As palavras ro-ça, uni-ver-si-da-de, A-ra-ci, Cri-só-po-lis, Rio Re-al,
Bre-jo dos San-tos, Pa-ra-nã, Olho Dá-gua do Bor-ges...
E poder ver que dentro delas há vida
E descobrir que todos os fonemas
São mágicos sinais que vão se abrindo
Constelações de girassóis, gerando leitura, gerando vida
Que de repente estalam como flor no chão da roça, no chão da
Universidade
Sobre o chão da roça, sobre o chão da universidade
Quem reina agora é um homem diferente, que acaba de nascer
Porque vai unindo pedaços de palavras
Aos poucos vai unindo argila e orvalho
E acaba por unir a própria vida
No seu peito e mente partida e repartida
Quando afinal descobre num clarão
Que o mundo é seu também, que o seu trabalho
Não é apenas “ensinar”
Mas um modo de amar e de ajudar o mundo a ser melhor.
Este homem renascido é um homem novo
Ele atravessa o campo, a roça e a Universidade espalhando a boa nova,
E chama os companheiros a pelejar no limpo, frente a frente
Contra o bicho de quinhentos anos,
Mas cujo fel espesso não resiste
A um semestre de convivência, de aprendizado, de trocas, de discussão
e reflexão
Peço licença para terminar soletrando a canção da rebeldia
Que existe nos fonemas da alegria:
Canção do novo olhar/fazer da extensão universitária que eu
Vi nascer
Nos olhos, nas mãos e mentes do *homem acadêmico* que aprende a ler.

Educação

Procuramos, com essa paráfrase, expressar que é possível, a um Núcleo de Educação de Jovens e Adultos de uma Universidade, contribuir para uma nova configuração de saberes, é possível promover novas possibilidades de participação no processo de construção do conhecimento, aproximando a comunidade científica e as comunidades sociais mais amplas. É possível, ainda, a revalorização dos saberes, tanto do científico quanto do não científico, na construção de um outro saber, um novo saber. Um saber comprometido eticamente com sua aplicação.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 35-36.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.